

Resenha

“Vigilância e horizonte na hermenêutica”: condições de um novo pensar o conhecimento¹

“Vigilance and horizon in hermeneutics”: Conditions of a new thinking about knowledge

GRONDIN, J. 2003. Vigilance and horizon in hermeneutics. In: J. GRONDIN (ed.), *The philosophy of Gadamer*. Montreal/Kingston, McGill-Queen’s University Press, p. 79-121.

Vanessa Nunes Kaut²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

vanessakaut@gmail.com

Introdução

Todo aquele que se engajar nos estudos sobre a hermenêutica filosófica e jurídica logo poderá observar a importância do pensamento dos filósofos alemães Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer, que a partir da preocupação com uma nova abordagem no tratamento do *problema do conhecimento* – oposta à tradição filosófica representada por Platão e Aristóteles – apontaram para a importância de tratá-lo a partir de uma perspectiva ontológica.

A valorização de uma tal perspectiva remonta à crítica de Heidegger de que a tradição filosófica haveria – presa a uma preocupação onticamente voltada para a identificação dos entes (*Seiend*) – negligenciado o modo de tratar o problema do conhecimento, que, segundo este filósofo, deve se preocupar com uma análise ontológica a partir do estudo do ser dos entes (*Dasein*), onde se observa a possibilidade de compreensão como um desvelamento (*Ereignis*), uma abertura e, sendo assim, um constante tornar-se.

A temática da compreensão passa, a partir de então, a orientar-se por novas premissas, dentre as quais serão ressaltados o papel da historicidade e sua

constatação como princípio hermenêutico e a linguagem como *medium* da experiência hermenêutica. Este enfoque nos é apresentado por Gadamer em sua obra *Verdade e método* (2012 [1960]), há muito reverenciada como uma das mais importantes, se não a mais importante, reflexão a respeito dos contornos da hermenêutica contemporânea.

Gadamer, comungando com a primazia de uma ontologia e pautado nessas novas premissas a serem observadas no tratamento da compreensão como acontecimento, nos indicará as contribuições do *giro linguístico-ontológico* apresentado a partir desta nova abordagem, viabilizadora do “lançamento de um novo olhar sobre a interpretação e as condições sob as quais ocorre o processo compreensivo” (Streck, 2005, p. 25). Sob a análise das condições que circundam este processo, o autor orientará, ainda, para a importância das pré-compreensões enquanto modulares da e moduláveis pela historicidade.

O destaque do papel da historicidade figura também no cerne da abordagem proposta pelo filósofo canadense Jean Grondin ao longo do capítulo quatro do livro *The Philosophy of Gadamer* (2003), dedicado à interpretação das reflexões de Gadamer

¹ Agência financiadora da pesquisa: Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Av. Dom José Gaspar, 500, 30535-901, Belo Horizonte, MG, Brasil.

em *Verdade e método* (2012). Em *Vigilance and Horizon in Hermeneutics*, este autor perfaz uma exposição pormenorizada das razões e fundamentos pelos quais Gadamer atribui à historicidade o caráter de princípio hermenêutico. Conduz sua exposição fragmentando-a em oito apóstrofes, quais sejam: (i) a constelação da compreensão; (ii) preconceitos e as coisas elas mesmas; (iii) ajuda da distância temporal; (iv) o papel silencioso da historicidade; (v) a vigilância de uma consciência historicamente efetiva; (vi) a canonicidade imemorial da tradição e dos clássicos; (vii) a vigilância ética da aplicação; (viii) as miragens da reflexão e os fantasmas do relativismo. É com a apresentação das reflexões orientadas por Jean Grondin que o presente trabalho se ocupará a seguir.

A filosofia de Gadamer e o papel da historicidade: uma abordagem por Jean Grondin

Jean Grondin é um filósofo e professor canadense dedicado aos estudos da hermenêutica, fenomenologia, filosofia clássica alemã e metafísica. Volta sua especialidade, principalmente, para os pensamentos dos filósofos alemães Immanuel Kant, Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer. É considerado um dos maiores estudiosos da hermenêutica filosófica e, particularmente, da perspectiva apresentada por Gadamer, sendo autor dos títulos *Hermeneutische Wahrheit? Zum Wahrheitsbegriff Hans-Georg Gadamer* (1982), *Introduction à Hans-Georg Gadamer* (1999) e *Hans-Georg Gadamer: A Biography* (2003).

No trabalho *Introduction à Hans-Georg Gadamer*, cuja tradução recebeu o nome *The Philosophy of Gadamer* (traduzido por Kathryn Plant), o autor se dispõe à abordagem da obra *Verdade e método*. Procura apresentar o pensamento de Gadamer direcionando-se à abordagem dos conceitos-chave apresentados por este filósofo alemão. Assim o faz também quando, no quarto capítulo de seu trabalho, aborda o papel da historicidade no processo compreensivo. Em prol da fluidez do presente trabalho, que buscará expor as reflexões dedicadas à obra de Gadamer por Jean Grondin, os tópicos apresentados no percurso metodológico adotado por este autor serão agrupados estrategicamente.

Faz-se necessária uma breve nota de esclarecimento para indicar que os termos utilizados por Jean Grondin para se referir às *pré-compreensões* variam ao longo do texto. Observa-se o tratamento por “*antecipações*” (*anticipations*), “*preconceitos*” (*prejudices*),

“*compreensões prévias*” (*previous comprehensions*), bem como “*pré-compreensões*” (*for-meanings*). Não há, porém, qualquer diferenciação semântica entre estas denominações. Ademais, tendo em vista o exercício da tradução livre do texto de Jean Grondin para o português, é possível a ocorrência de algumas variações interpretativas.

A constelação da compreensão/ preconceitos e as coisas elas mesmas e Ajuda da distância temporal

Assim como o faz Gadamer em *Verdade e método*, ao introduzir sua exposição sobre a historicidade da compreensão, Jean Grondin remonta à descrição heideggeriana do círculo hermenêutico, a fim de aludir à dimensão ontológica que é atribuída a este. Tal dimensão se expressa no fato de que não há compreensão sem antecipações ou interpretação sem compreensões prévias, o que o círculo hermenêutico herda do próprio “modo de ser do *Dasein*” (Grondin, 2003, p. 79). Sustenta, por isso, que o conceito fenomenológico de círculo “descreve o fato de que toda compreensão necessariamente (‘ontologicamente’) provém de uma antecipação de sentido” (Grondin, 2003, p. 80).

Não obstante as distinções que possam ser observadas nos pensamentos de Heidegger e Gadamer sobre o círculo hermenêutico, o que sugerem é que uma análise ontológica – não mais submissa à abordagem do problema do conhecimento a partir da relação *sujeito-objeto* – e a representação fenomenológica de círculo a que Heidegger aludiu, auxiliaram que o estudo da temática se desvencilhasse da tradição filosófica, assegurando um considerável ganho reflexivo para a hermenêutica. Por comungar da ontologia inerente a este “modo de ser do *Dasein*”, a compreensão se mostraria como uma constante reformulação de um projeto inicial.

Para se posicionar acerca desta constante reformulação de um projeto inicial, Gadamer evidencia a importância das *pré-compreensões*. Indica, conforme sugere Jean Grondin, que o círculo reporta que “toda compreensão emerge em favor de um contexto universal do qual somos já e sempre uma parte” (Grondin, 2003, p. 82); sendo assim, mostra-se como uma questão de participação, de compartilhamento, concatenada com aquele contexto em que se está inserido. Trata-se da relação intersubjetiva (*sujeito-sujeito*) que é priorizada no acontecimento da compreensão. É por isso, e assim evidencia Jean Grondin, que a denominação “círculo” hermenêutico poderia ser substituída por “constelação da compreensão”, caso se con-

cordasse que a remissão a uma figura circular sugeriria uma lógica viciosa e demasiadamente encarceradora da reflexão.

Esta denominação remontaria às expressões de uma constante reformulação das pré-compreensões, e não somente as próprias, mas as tantas outras que nos são contrapostas, oriundas do contexto intersubjetivo do qual fazemos parte e o qual nos constitui. Grondin descreve a metáfora:

Toda compreensão se encontra sob uma constelação especificada a cada momento: em um certo momento, aparece no tempo e no espaço, em resposta a um certo contexto dialógico, em um horizonte estelar como tal. [...] **O objeto da compreensão sempre se inscreve em um universo, um horizonte, de visão e compartilhamento, onde se permite ser desafiado por uma constelação de questionamentos** (Grondin, 2003, p. 82, tradução livre, grifos nossos).

Ressalta-se, no entanto, que, se a compreensão comporta as pré-compreensões de cada um conforme contextos que a cada momento se especificam, poderia se alegar, conforme fizeram os iluministas, que a compreensão estaria suscetível à distorção. Crítica com a qual Gadamer não concorda e relega a uma espécie de “preconceito contra os preconceitos” (Grondin, 2003, p. 84). O autor sustenta, ao contrário, que os preconceitos seriam aqueles a abrir caminho em direção ao objeto, tornando a compreensão possível. Entretanto, haveria a necessidade de que não se permitisse que antecipações fossem impostas por “intuições ou noções populares” (Grondin, 2003, p. 84). Haverá, para o autor, a necessidade de se distinguir os preconceitos legítimos dos preconceitos ilegítimos. Nesse sentido, a compreensão se mostraria como uma constante reformulação do projeto inicial, que demanda, ainda, o esforço de se voltar para a “coisa ela mesma” (Gadamer, 2012, p. 355).

Aqui se revela a aporia que por vezes fora apontada pelos críticos à filosofia gadameriana: “como reconciliamos a essencial (‘ontológica’) anterioridade dos preconceitos com o incessante chamado – por vezes conflitante – com as coisas elas mesmas?” (Grondin, 2003, p. 85). A resposta é apresentada por Grondin nos seguintes moldes:

[...] primeiro, para Gadamer toda compreensão emerge inteiramente à luz das antecipações (as quais podemos chamar ‘preconceitos’) tanto e tão bem que a correção de um preconceito, aparentemente ilegítimo, é sempre somente feita à luz de uma nova antecipação que substitui a anterior; e segundo, falar de coisas elas

mesmas não é falar de “coisas nelas mesmas” de tal forma que poderiam ser compreendidas independentemente de um esforço de compreensão (o que seria uma manifesta contradição). [...] Ter acesso à coisa-ela-mesma é mais como o equivalente à expressão francesa “*en venir au fait*” (“chegar ao ponto”) no sentido de “*cesser de tourner autour du pot*” (“parar de andar em volta das casas”), isto é, procurar pelo essencial. A *Sache* (“ponto”) alemã é sempre a *Streitsache*, a causa latina, isto é, a coisa debatida, a coisa que importa. Desenvolver antecipações que sejam compatíveis com a coisa é, por isso, elaborar concepções pertinentes, as quais estão no cerne da coisa a ser compreendida (Grondin, 2003, p. 85, tradução livre).

Auxilia para melhor aceção destes preceitos a alusão de Gadamer aos caminhos perfeitos na compreensão de um texto. Em *Verdade e método*, este autor alude que a interpretação de um texto, embora se inicie com as concepções prévias do intérprete, não pode ser imposta por estas; as concepções prévias deveriam ser, na medida em que o intérprete se aprofunda no sentido do texto, substituídas por concepções mais adequadas. Para se garantir uma compreensão que se oriente para as coisas elas mesmas, necessário reconhecer que o intérprete deve necessariamente articular aquilo que o texto lhe diz com o que antecipadamente concebia, chegando a uma resultante que lhe possibilite que suas pré-compreensões não percebidas se revelem. Deve-se concluir, portanto, que

Não se pode desenvolver uma antecipação adequada ou fértil sem adentrar no debate com a coisa-ela-mesma. É precisamente este modelo dialógico de compreensão que Gadamer procura valorar contra o paradigma epistemológico de um sujeito que é inicialmente separado de seu objeto. [...] é efetivamente esta constante preocupação de adaptação, sempre retomada, que é o catalisador de toda compreensão que está pronta para se permitir a dizer algo sobre aquilo que procura compreender (Grondin, 2003, p. 85, tradução livre).

Gadamer sustenta, ainda, que a compreensão suporta a condição hermenêutica de pertencer à tradição. É da tentativa de conexão entre o que é transmitido e aquilo que a tradição cunhou como familiar que resulta a estranheza motivadora do trabalho hermenêutico. O filósofo (2012, p. 388), apresenta, assim, a compreensão descrita como “[...] o jogo no qual se dá o intercâmbio entre o movimento da tradição e o movimento do intérprete”. Entende o filósofo que, em toda compreensão, produz-se uma aplicação, de modo que aquele que compreende está ele mesmo dentro

do sentido do compreendido. Ele forma parte da própria coisa que compreende.

Vislumbra-se aqui, ainda, a importância dos preconceitos quando transposta à hermenêutica histórica. Neste sentido, Gadamer (2012, p. 367-368) sustenta que

[...] não é a história que nos pertence, mas somos nós que pertencemos a ela. Muito antes de nos compreendermos na reflexão sobre o passado, já nos compreendemos naturalmente na família, na sociedade e no Estado em que vivemos. A lente da subjetividade é um espelho deformante. A autorreflexão do indivíduo não passa de uma luz tênue na corrente cerrada da vida histórica. Por isso, **os preconceitos de um indivíduo, muito mais que seus juízos, constituem a realidade histórica de seu ser** (grifos do autor).

Sendo a compreensão fundada num constante processo de adaptação entre preconceitos e as coisas elas mesmas, e em se tratando das limitações reconhecidas ao intérprete enquanto humano inserido em uma tradição historicamente constituída, Gadamer alerta:

Os preconceitos e as pré-compreensões que ocupam a consciência do intérprete não estão a sua total disposição. Ele não pode separar antecipadamente os preconceitos produtivos que possibilitam a compreensão dos preconceitos que a impedem e levam a mal-entendidos (Gadamer *in* Grondin, 2003, p. 87, tradução livre).

Não parece difícil concordar com esta última afirmação, que evidencia que, embora apenas os preconceitos legítimos sejam capazes de encontrar espaço no trabalho hermenêutico, por vezes, o que se constata é o desvio deste processo em direção à adequação das pré-compreensões com a coisa-ela-mesma, sendo esta uma característica essencialmente humana, que no entanto não afasta o acontecimento compreensivo, conforme descrito por Gadamer.

Grondin reporta que o autor defende ser a “distância temporal” que nos possibilitaria que preconceitos férteis emergissem, como se poderia extrair da observação da própria história e dos acontecimentos que nesta se revelaram, considerando as mudanças constatadas nas interpretações de diversas temáticas que exsurgiram ao longo do tempo (p. ex., escravidão). Sugere que muitas vezes a distância temporal pode resolver a questão crítica posta à hermenêutica sobre a legitimidade dos preconceitos, porque testemunha a própria circularidade do processo compreensivo. Chega a nos passar a ideia do trabalho do tempo como um trabalho de amadurecimento.

O papel silencioso da historicidade, A vigilância de uma consciência historicamente efetiva e A canonicidade imemorial da tradição e dos clássicos

Nestas próximas três abordagens, a temática se concentra naquilo que Gadamer denominou o papel da historicidade (*the work of history*). O filósofo não defenderá sob este papel a implicação de um conhecimento histórico (*historical knowledge*), mas algo superior, que se eleva como princípio hermenêutico, haja vista sua inafastabilidade do processo hermenêutico. Grondin assim alude a respeito:

Ao longo do processo de recepção, toda obra e todo evento (a Revolução Francesa, a descoberta da América, etc.) é enriquecido com novos significados e novas relevâncias que são determinadas pelas tentativas de seus contextos históricos de recepção, e também pelas interpretações prévias às quais eles reagem. [...] Todo evento e toda obra são assim submetidos ao contexto de recepção, que vai além e enriquece o sentido original, e testemunha uma inerradicável fertilidade da distância temporal e da adição de compreensões a uma dada constelação (2003, p. 91, tradução livre).

A historicidade implica, portanto, um papel até mesmo onde não se suspeita estar incidindo. Como explicita Jean Grondin, “a noção de um papel nos dá uma ideia melhor que a história é ativa em nós, influi em nós ou penetra em nós, em uma medida maior que o conhecimento pode penetrar e suspeitar” (2003, p. 92). Sendo assim,

O papel da historicidade revela a obra da história que está ativa acima do conhecimento histórico que posamos ter. Aqui, a compreensão é propriamente um evento tradicional que leva subjetividade para dentro do jogo. Ademais, não é por acaso que a categoria de “jogo” aparece novamente neste contexto: ela descreve um processo que nos conduz, nos engloba, mas do qual não somos senhores. [...] Gadamer escreve que “a compreensão deve ser menos pensada como um ato subjetivo, mas mais como participativo num evento da tradição, um processo de transmissão no qual passado e presente estão constantemente mediados” (tradução livre).

Grondin indica que para Gadamer o conhecimento do papel da historicidade é “mais um ser que conhecimento” (2003, p. 94). Impossível seria um conhecimento que se apropriasse de todo o determinismo histórico, como haveria pressuposto Hegel, com a possi-

bilidade do alcance de um “espírito absoluto” conforme apresentado por sua *Fenomenologia do Espírito* (1807). Sendo assim, Grondin sustenta que, “menos que de um conhecimento, talvez devêssemos falar de uma vigilância no papel da historicidade se quisermos evitar conotações idealistas na noção de conhecimento” (Grondin, 2003, p. 94-95).

Estar vigilante remete à ideia expressa nos escritos de Heidegger quando aludiu que, para o *Dasein*, o “estar-aí”, “aí” remete a um estar acordado, efetivamente presente, como quem indaga aos alunos em uma sala de aula se “estão aí” (Luckner, 2001, p. 61). É possível enxergar que fisicamente estão; a questão a que se volta é sobre a sua presença enquanto vigilância. Vigilância é, portanto, conforme conclui Grondin (2003, p. 95), “o modo de conhecimento da pessoa que é forçada a manter os olhos abertos no meio da noite, que a todo momento assume o risco de tudo engolir, inclusive a si mesma”.

Esta vigilância enquanto possibilidade de alguma racionalização do papel da historicidade, apontada por Grondin, observa-se na obra de Gadamer sob a denominação *consciência da história efetual*. Esta auxilia também a compreender o que se alega constituir uma “fusão de horizontes”. Grondin explica que “conhecer o passado é penetrá-lo transportando-se para o seu horizonte, deixando a moldura do presente” (2003, p. 95), mas a separação entre distintos horizontes do passado e do presente talvez possa representar uma nova ilusão instrumental da compreensão, sendo assim mais importante reconhecer que “compreender é sempre a fusão destes horizontes supostamente existentes por si sós” (Gadamer in Grondin, 2003, p. 96). “Quando a compreensão ocorre, quando explode em chamas, os horizontes de sentido, do passado e do presente, são fundidos” (Grondin, 2003, p. 96).

É somente a vigilância do conhecimento histórico aliada ao efeito da distância temporal que possibilitará a constante substituição de preconceitos ilegítimos por preconceitos legítimos e, nesta dinâmica, configura-se o papel da historicidade, o papel da tradição. Controlar a fusão de horizontes se mostra menos importante que estar ciente dela “pela vigilância do conhecimento que se sabe ser trabalhada pela história” (Grondin, 2003, p. 96).

A alusão a uma “canonicidade imemorial da tradição e dos clássicos” remonta a uma realidade histórica a partir da qual o conhecimento histórico haveria se separado do seu próprio objeto, uma realidade da qual o conhecimento haveria se apropriado. A canonicidade imemorial da tradição e dos clássicos não seria para Gadamer, porém, um “super-valor histórico”, pois

não são os clássicos, nem mesmo uma tal canonicidade imemorial da tradição, que importarão à compreensão, uma vez que a preocupação aqui se volta para a mediação entre o passado e o presente como “constitutiva do conhecimento histórico, o que é um caso de reconquista” (Grondin, 2003, p. 99).

Vigilância ética da aplicação, As miragens da reflexão e os fantasmas do relativismo

Embora se observe a longa extensão das duas últimas abordagens perfeitas por Jean Grondin, o que se extrai da sua leitura é mais pontual e, talvez se possa dizer, até menos relevante para a exposição da temática que intitula este quarto capítulo. Grondin irá nos apontar que ao intérprete caberia o compromisso com um saber ético. Este compromisso remete ao conceito aristotélico de *phronesis* e insinua a demanda por um autoenvolvimento do intérprete com a situação que aborda a partir de uma perspectiva, simultaneamente, individuada e orientada na alteridade, uma vez que se encontra vinculado a um âmbito prático e comunitário que deve servir de parâmetro no processo compreensivo. O autor indica que “a alma da hermenêutica consiste em reconhecer que talvez o outro esteja certo” (Gadamer in Grondin, 2003, p. 100). “O conhecimento do papel da historicidade assim emerge em uma ética da compreensão” (Grondin, 2003, p. 100), o que explicita a vigilância ética da aplicação.

Por fim, Grondin irá nos apontar que a hermenêutica aspira a uma coerência que deve ser capaz de se opor às críticas de um suposto relativismo ao qual sucumbiria. Indica, por isso, que esta exprime condições histórico-linguísticas, que não devem ser entendidas como um mero produto lógico de proposições, mas como a forma de alcance e articulação da compreensão. Por isso, “o último desafio de *Verdade e método* será o de tentar pensar o essencial diálogo no qual estamos com as coisas, mas também conosco mesmos, a partir do momento em que começamos a falar” (Grondin, 2003, p. 120-121). Sendo assim, concluirá Grondin (2003, p. 121) que “ao ser não mais é permitido de ser distinguido de uma linguagem que o engloba. Isso é a razão para a virada ontológica da hermenêutica, seguindo o fio condutor da linguagem”.

Considerações finais

Abordadas as reflexões apresentadas por Jean Grondin a partir de sua leitura da obra do filósofo Hans-Georg Gadamer *Verdade e método*, mais especi-

ficamente, voltada à passagem dedicada à exposição do que seriam os “traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica” (2012, p. 354-493), restam evidenciados as razões e os fundamentos pelos quais Gadamer atribui à historicidade da compreensão o caráter de princípio hermenêutico.

É preciso reconhecer e destacar a qualidade do texto deste filósofo canadense que lança sobre as temáticas desenvolvidas por Gadamer uma clareza ímpar. Aborda no presente capítulo de sua obra uma das questões mais importantes para a reflexão hermenêutica, ao que poderia se dizer ser esta a passagem mais expressiva de seu texto, merecendo assim o destaque que lhe é conferido no presente trabalho. As remissões feitas por Grondin às expressões de *vigilância* e *horizonte* na hermenêutica figuram como belas ilustrações facilitadoras da compreensão dos ensinamentos do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer acerca da historicidade da compreensão. Estas apontam com elegância as *condições de um novo pensar o conhecimento*.

Referências

- GADAMER, H.G. 2012. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 12ª ed., Petrópolis, Vozes, 631 p.
- GRONDIN, J. 2003. *Hans-Georg Gadamer: A Biography*. New Haven, Yale University Press, 528 p.
- GRONDIN, J. 1982. *Hermeneutische Wahrheit? Zum Wahrheitsbegriff Hans-Georg Gadamer*. Hain, Forum Academicum in der Verlagsgruppe Athenäum, 210 p.
- GRONDIN, J. 1999. *Introduction à Hans-Georg Gadamer*. Paris, Éditions du Cerf, 240 p.
- GRONDIN, J. 2003. *The Philosophy of Gadamer*. Montreal/Kingston, McGill-Queen's University Press, 180 p.
- LUCKNER, A. 2001. *Martin Heidegger – Sein und Zeit*. 2ª ed., Paderborn, Verlag Ferdinand Schöningh, 191 p.
- STRECK, L.L. 2005. A hermenêutica filosófica e as possibilidades de superação do positivismo pelo (neo)constitucionalismo. *Estudos Jurídicos*, 38(1):22-36.

Submetido: 27/02/2015
Aceito: 22/05/2015